

# FOTOLINGUAGEM

## Carlos Drummond de Andrade

### DE UMA COISA E OUTRA

Chegaram ao mesmo tempo o outono e a Telerj. Saíram da jogada a CTB e o verão. Ninguém deu muita bola para as substituições. A preocupação geral era entregar no último minuto do último dia do prazo a terrível declaração de rendimentos. Ao que parece, carioca faz disso questão de honra. Além da emoção, que desperta, de entrar na agência bancária quando a porta está fechando, ou já fechou. Haverá delícia maior do que esmurrar a porta, apelar para o guarda, subir pela coluna ou pelas grades, descobrir lá dentro o gerente ou o contador amigo, suplicar-lhe com gestos de afogado que faça o favor de nos permitir a entrada e receber a nossa sagrada declaração? Ao passo que entregar no prazo, normalmente, sem alauza, que graça pode ter, me digam.

De resto, certas fontes pagadoras (não é engraçado, fonte pagar? pois não fazem outra coisa, desde que secaram fontes e chafarizes das praças públicas) capricham no afã de estimular esse lance emocional. Teoricamente, você pode pagar o Imposto de Renda no dia 2 de janeiro, curada a ressaca do Ano Novo, com desconto confortável. Pois sim. A fonte pagadora (a primeira delas, o Estado) pede-lhe para esperar. Pede, não: manda-o esperar. Se você conseguir o comprovante de rendimentos em fevereiro tome um pique comemorativo. Outro pique é recomendável, se o comprovante estiver certo, pois você não ignora que a automação é marota, e se diverte em trocar algarismos, talvez para conjurar o tédio da infalibilidade, que é prenda divina e não maquinal.

Em seguida, para roer e corroer o tempo do prazo, há o formulário de declaração que, mandado simplificar, se desdobrou em três, de cores distintas. Ainda não é o arco-íris, mas um dia chega lá. O formulário inteiramente preto até que seria interessante, por altamente simbólico da situação do contribuinte. E o branco, o branco total, imaculado, exprimindo o vazio da algibeira depois do pagamento do(s) imposto(s) nas diferentes áreas administrativas, também. Como você tem que preencher corretamente o formulário que lhe coube, e esse formulário é desgraçadamente o azul, a operação justifica bem todos os atrasos. Junte-se o gosto da aventura, do risco, do jogo, peculiar à alma carioca, estrangulada por limitações e embargos de várias naturezas, e está explicado porque, do impossível ou de um ultradifícil cumprimento de exigências fiscais-burocráticas, resulta um violento prazer: o da ultimíssima hora.

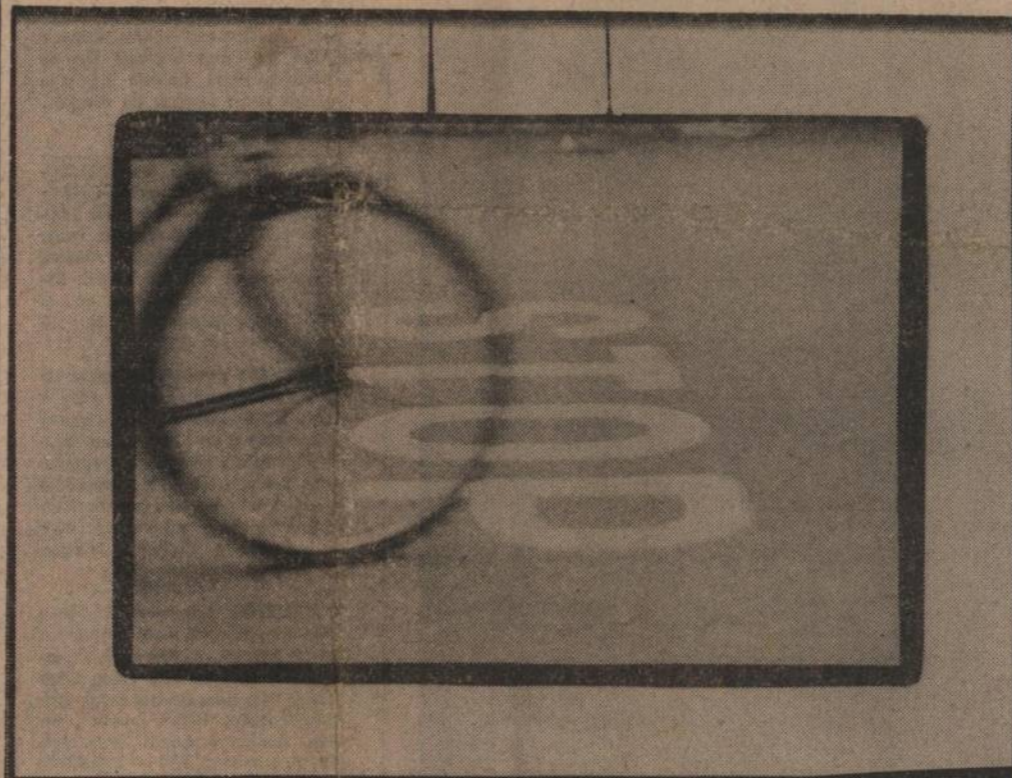
Um grupo elitista, mais radical, prefere entregar a declaração depois do prazo; quer experimentar a volúpia da multa, que o separa da chamada, sem trocadilho, turbamulta. Os mais requintados só se satisfazem quando intimados ao pagamento por via de executivo fiscal, supresa êxtase, comparável ao orgasmo. A todos esses gostos a máquina estatal provê, facilitando na medida do possível, e mesmo além, a satisfação deles. Dêe haver uma multa uma conotação religiosa, que nos leva a desejá-la para purgação de faltas que nos agrada cometer e resgatar aqui mesmo, reservando o Céu para a bem-aventurança sem impostos e taxas.

Enquanto isso, foi-se o verão, benigno a ponto de desacreditar-se na especialidade de tostar e torrar. Já não há verões como antigamente, ou as circunstâncias nos habituaram a suportar as mais cálidas temperaturas sem reclamar? Era tão bom reclamar do calor do Rio e gozar-lhe as concomitantes prendas, inclusive o ócio obrigatório, pois quem é obrigado a trabalhar em uma temperatura dessas? Adeus, canícula. O verão tornou-se suportável.

Já a CTB, não. A coluna de cartas de leitores tornou-se florilégio de queixas contra ela. Melhor: enciclopédia. Há, no mundo, telefones para evitar suicídios; nós inventamos o telefone que mata, pelo silêncio, pelo desespero, pelos impulsos imaginários mas cobráveis. Diante disso, a CTB teve uma saída genial: acabou. E recomeçou com outro nome. Ave, Telerj: os que vão pagar te saúdam.

## A IMAGEM FIXA DOS FLAGRANTES EM MOVIMENTO

Maria Lucia Rangel



Bina Fonyat: Sinais urbanos em expressão didática



Mario Cravo Neto: Retratando a roda-vida que é Nova Iorque



Roberto Maia: o realismo em pequena dimensão



Ivan Cardoso: fotografias retiradas do cinema

LIRICAS, sofridas, poéticas, realistas, didáticas, as fotos inundam a Sala de Eventos, a ser inaugurada amanhã na Escola de Artes Visuais do Parque Laje com a mostra de seis fotógrafos, denominada Fotolinguagem. Esta arte sem mercado no Brasil, sem exposições, sem recursos, mostrará fragmentos de vida, numa discussão do *medium* fotografia. Desta mostra fazem parte fotógrafos de estilos completamente opostos: Walter Firmo, Bina Fonyat, Roberto Maia, Mário Cravo Neto, Luiz Fernando Borges da Fonseca e Ivan Cardoso.

A placa está ali, poucas vezes notada: "Cuidado, Depressão". Bina viajara para Parati quando deparou com ela. O flagrante foi registrado. Arquiteto, ele demonstra em suas fotos a preocupação com o homem, a cidade, os sistemas urbanos. Há três anos está fazendo um trabalho sobre carnaval, "aquele indivíduo que sai sozinho, aquela coisa que está acabando." A viagem de três anos por Paris, Grécia, Afeganistão e Turquia também está exposta, com muita observação pessoal "e um pouco de humor." Apesar de não encontrar um tema comum para suas fotografias vê nelas uma unidade, "uma coisa didática mesmo." Hoje, Bina trabalha em conjunto com artistas plásticos e arquitetos:

— O *free-lancer* está acabando. Ainda dá para se viver de fotografia, mas é difícil. Ao contrário de Bina, Walter Firmo procura fugir do flagrante. Suas fotos são quase sempre arrumadas. Confessa gostar de usar as suas idéias. Há algum tempo ele faz um trabalho que chamou de *Pele Negra*:

— Acho que o negro é, sobretudo, um tipo muito estético. Esta série foi exposta na última Bienal de São Paulo, sendo esta é sua terceira coletiva:

— Já foi feita aqui uma tentativa de se vender fotografia como obra de arte. Quatro fotógrafos com mais ou menos 20 fotos cada um. Vendeu-se uma média de duas. As pessoas iam à exposição, achavam bonita, mas não compravam. No Brasil foto não dá status. Nos Estados Unidos, por exemplo, já tem outro nível. Há fotógrafos que vivem só de suas exposições.

Firmo mostra fotografias grandes, coloridas, algumas pertencentes às reportagens *Delinquência Infantil*, *Seca no Nordeste e Seca e Cheia do Rio Amazonas*. Outras, em branco e preto, dão bem a idéia da pobreza nordestina: uma criança morta num caixão muito pobre, que fatalmente irá servir a outras, sendo velada por um grupo de crianças; um casal de retirantes indeciso di-

ante de um número enorme de placas que indicam os clubes mais sofisticados.

Durante muito tempo Roberto Maia trabalhou em publicidade. Era um trabalho exatamente oposto ao que mostra agora. Sua proposta é de tamanho pequeno, por achar que a fotografia é coisa didática. Mostra sempre os elementos que se destroem. Há três anos trabalha com este tipo de realismo: as imposições do carnaval, uma mulher sentada assistindo a um desfile e que carrega uma ventarola com os dizeres *Diga sim ao Carnaval*:

— São fotos pequenas que obrigam as pessoas a observarem de fato. Em publicidade eu fazia o que me dava dinheiro mas não o que queria.

Ao mesmo tempo que retomou o trabalho que gosta, Roberto voltou a fazer arquitetura e está preparando um livro sobre a América Latina.

Luiz Fernando apresenta fotografias eróticas, mas muito poéticas. Em preto e branco, constituem uma série única que mostra desde Elis Regina até o contorno de formas. Muito claro e escuro, num jogo de luz que surte um efeito bonito.

Ivan Cardoso é o mais moço do grupo. Suas fotos são quase que estilos dos filmes que fez há pouco no Pará. Um para o Ministério da Educação, sobre o Museu Goidel e outro sobre a primeira missão jesuíta da Amazônia, que chamou *Ruínas de Murucutú*. Na França, de onde está voltando, exibiu os filmes para Levi-Strauss que achou "que através da pobreza do caboclo se vislumbra o passado dourado dos índios." E o Museu do Homem está interessado em mostrá-los. Ao contrário dos colegas, seu trabalho não tem nada a ver com fotoperformance. A cores, algumas de suas fotos mostram anúncios antigos ou seus detalhes. Outras, apresentam máscaras indígenas que ele colocou na floresta, para que tomassem dimensão, e vê um mercado bastante incipiente no Brasil para a fotografia:

— Fica pesado para o fotógrafo, pois nós mesmo produzimos as fotos.

O sexto artista da mostra é Mário Cravo. Comparece com um áudio-visual feito em Nova Iorque em 1971, mostrando toda a loucura da cidade, pessoas meio desmanchadas, um pouco expressionista, mas conservando um estilo muito próprio.

Concebida simultaneamente como um Centro Experimental de Arte e um Depósito de Informação, a Escola de Artes Visuais terá como extensão do Depósito de Informação um Centro de Documentação Brasileira, que cuidará de um acervo cultural:

— Parte do material desta exposição — diz o diretor da Escola, Rubens Gerchman — já fará parte deste acervo.

Luiz Fernando: O jogo de luz em fotos eróticas



**CLASSE**  
CORREGO SECO  
ARTESANATO COLONIAL  
MÓVEIS EM PURO VINHÁTICO, ESTOFADOS DE COURO.  
FABRICA:  
Estr. Rio Petrópolis, 115 - Quitandinha  
LOJAS: R. Darmstadt, 122-124 - Petrópolis  
R. Dias Ferreira, 228 - Tel. 294-2698 - Leblon  
2ª, 4ª e 6ª ABERTO ATÉ AS 22.00 HORAS

Peça  
**A FORÇA DA NATUREZA**  
a sua revendedora ou pelo fone:  
**397-3511**  
E tome saúde todos os dias.  
ENTREGA A DOMICÍLIO  
LACTOBACILOS VIVOS  
**Yakult**